

DIÁRIOS DE GAZA

ORGANIZAÇÃO
ATEF ABU SAIF
ABD AL-SALAM ATARI
RAFAEL DOMINGOS OLIVEIRA

TRADUÇÃO
RIMA AWADA ZAHRA

Tabla

1

**A MEMÓRIA
É UMA CASA
INDESTRUTÍVEL**

Título original

كتابة خلف الخطوط — يوميات الحرب على غزة

Kitabat khalf alkhutut – yaumiyat alharb aala Ghaza

© Palestinian Ministry of Culture, 2024

Direção editorial Laura Di Pietro

Edição Rafael Domingos Oliveira

Preparação de texto Eduarda Rimi

Revisão Isabel Cury

Capa e projeto gráfico Marcelo Pereira | Tecnopop

Diagramação Balão Editorial

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D539

Diários de Gaza: a memória é uma casa indestrutível/
organizadores: Atef Abu Saif, Abd al-Salam Atari, Rafael Domingos Oliveira ;
tradutora: Rima Awada Zahra. – Rio de Janeiro: Tabla, 2024.
136 p. ; 19 cm. – (Diários de Gaza, v. 1)

Tradução de: *Kitabat khalf alkhutut: yaumiyat alharb aala Ghaza*.
Tradução do original em árabe.

ISBN 978-65-86824-82-7

1. Gaza, Faixa de – História – Sec. XXI. 2. Ocupação israelense –
Gaza, Faixa de – Narrativas pessoais. I. Abu Saif, Atef. II. Atari, Abd al-Salam.
III. Oliveira, Rafael Domingos. IV. Zahra, Rima Awada. V. Série.

CDD 956.943005

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB-7 5587

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Roça Nova Ltda

+55 21 997860747

editora@editoratabla.com.br

www.editoratabla.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

Rafael Domingos Oliveira

PREFÁCIO 17

Atef Abu Saif

YUSSEF AL-QUDRA

Dos diários da guerra em Gaza 21

LAYAN ABU AL-QUMSAN

Sede 35

Entre a morte e o deslocamento 37

Globo de neve 39

Senhor do tempo 40

Sem sinal 42

O calendário 44

Mentira permitida 47

Carta para minha mãe 48

A casa do meu avô 50

Braço ruidoso 51

Última Ceia 55

IMAN NATUR

Memórias de uma sobrevivente da guerra em Gaza 60

ALI ABU YASSIN

Em um piscar de olhos: um diálogo imaginário 69

De Gaza a Shakespeare 73

MARYAM QAWWACH

A longa e dolorosa jornada do exílio 75

Você sente falta das espigas de trigo? 76

O casaco de Nisrin 77

KAMAL SOBH

Cicatrizes na face de cristal 79

MUSTAFA AL-NABIH

As cores da dor 85

JIHAN ABU LACHIN

Sete vezes nos deslocamos 91

SAMAH AL-KHAZINDAR

Esperamos sobreviver 97

HASSAN AL-QATRAWI

Tenda dos infernos 101

NIMA HASSAN

Ponto zero 107

Um dia qualquer... da guerra 108

RIMA MAHMUD

Outro êxodo 117

MAHMUD ASSAF

Ordens de silêncio 121

Identidade 122

Rosas traídas 123

De norte a sul 124

Fantasma 125

O choro das tendas 127

Uma maldição 128

NASSER RABAH

No aniversário da guerra 130

INTRODUÇÃO

Uma mulher sente o aroma forte do café enquanto a música de Beethoven abafa os bombardeios. Um homem, diante dos escombros, dialoga com Shakespeare, buscando nos dilemas de Hamlet e na brutalidade de Macbeth um espelho para sua própria desgraça. Um moinho de mão, que outrora moía o trigo das planícies férteis, evoca o som das montanhas distantes, das terras roubadas, onde os campos antes cultivados agora guardam a sombra de uma ocupação implacável. Entes queridos são arrancados deste mundo numa velocidade tão absurda que despedir-se deles se torna um luxo para poucos. Um diretor de cinema, com os olhos exaustos, atravessa um périplo mortal à procura de sua câmera, desejoso de capturar as cores da dor, as nuances da perda que o tempo e a história tentam apagar. Ele se vê como o último contador de histórias, consciente da verdade imortalizada pelo poeta: “Quem morre aqui não morre por acaso, mas quem vive, vive por acaso, porque nenhum pedaço de chão foi poupado pelos foguetes e nenhum lugar onde se possa pisar ficou a salvo das explosões”.¹

Escombros. Não uma, não duas, mas muitas vezes ressoam as mesmas indagações: o que levarei da minha casa? O que deixarei? Habitamos nossa casa ou é ela que nos habita? Esse é o eco de cada deslocamento forçado, a dúvida eterna daqueles que perdem tudo e, ainda assim, seguem adiante.

1 DARWICH, Mahmud. *Memória para o esquecimento*. Rio de Janeiro: Tabla, 2021.

Apesar de tudo, uma vontade imensurável de permanecer, de seguir. Uma esperança inabalável de que, um dia, o mundo será reconstruído, pedra por pedra, palavra por palavra. São relatos assim, que mergulham na profundidade de nosso ser, que constituem o cerne deste livro. Uma obra escrita em meio ao genocídio palestino, cuja fase mais recente completa um ano e 50 mil mártires. Apesar do peso dessa tragédia, as palavras aqui reunidas não se limitam ao presente: falam de futuro, de reconstrução.

Os textos deste volume são, simultaneamente, testemunhos de um tempo histórico e prenúncios de um mundo que está por vir. Um mundo destruído pela ganância, pelo desejo implacável de dominar, dividir, expulsar e exterminar. Mas também um mundo que pode ser reconstruído, desde que tenhamos a capacidade de ouvir as vozes aqui presentes, tão vivas quanto as lembranças de uma terra que, embora hoje ocupada, um dia foi livre.

Por que este livro? Parte da resposta está fora dele, nas telas que nos cercam. As imagens são aterradoras. A maioria é indescritível. Nunca um genocídio foi marcado por tamanha hipervisualidade, transmitido quase em tempo real. Ainda assim, o genocídio em Gaza continua a receber uma cobertura midiática vergonhosa, ignorado ou relativizado por parcelas significativas da população e das classes dirigentes mundiais.

Tal fato revela, ao menos, duas coisas: primeiro, um desequilíbrio evidente no valor atribuído às vidas humanas, um valor que é calculado com base em origens geográficas, pertenças raciais e práticas religiosas; segundo, e talvez mais

importante, a comprovação de que a desumanização é uma prática material e discursiva cujas operações são realmente eficazes, produzindo vidas que não apenas podem ser, mas *devem* ser exterminadas.

Essa visão de mundo ética e humanamente distorcida, moldada pelo *ethos* neoliberal e explorada pela ideologia sionista, explica por que, após um ano de bombardeios que já ceifaram tantas vidas, incluindo milhares de crianças, nada de concreto tenha sido feito para impedir a perpetuação do extermínio.

Essa história não começou em outubro de 2023. Gaza, um dos territórios mais densamente povoados do mundo, tem sido palco de um genocídio contínuo por décadas. No coração da questão palestina, Gaza simboliza uma fronteira da humanidade, transgredida diariamente por uma ocupação brutal do Estado de Israel, com apoio, patrocínio e anuência, primeiro do maior império colonial da história — a Grã-Bretanha — e, posteriormente, do centro do capitalismo mundial, os Estados Unidos, que buscam dominar política, econômica e culturalmente o restante do planeta.

Os palestinos de Gaza têm pouco com o que contar: na maior parte das vezes, o mundo parece lhes virar as costas. Ainda assim, redes de solidariedade têm sido forjadas ao redor do globo. Movimentos sociais, ativistas, intelectuais e figuras públicas têm, cada vez mais, assumido uma posição de irrestrito apoio e defesa da vida palestina. Possivelmente, ao longo de quase oito décadas, este seja o momento de maior alcance mundial da causa palestina. Mas ainda é muito pouco. Daí, a importância deste livro.

Relatos em primeira pessoa possuem uma força extraordinária na construção de consciências. Ao longo da história moderna, testemunhos desse tipo desempenharam um papel crucial em diversas transformações sociais. Durante quatro séculos, a escravização de africanos moldou o chamado mundo atlântico, marcado pela brutal desumanização de 12 milhões de pessoas arrancadas à força de suas terras e de seus descendentes. A escravidão se configurou como uma instituição quase total, que permeava o cotidiano, moldava mentalidades e regulava práticas simbólicas. As causas do fim da escravidão são amplamente debatidas e podem ser atribuídas a mudanças econômicas, políticas e sociais. No entanto as transformações nas consciências de homens e mulheres que viveram esse período foram fundamentais para pôr fim ao infame comércio de seres humanos.

Entre o final do século XVIII e ao longo do século XIX, cerca de trezentas autobiografias de pessoas negras escravizadas ou libertas foram publicadas e circularam pelo Atlântico, denunciando os horrores da escravidão. Esses relatos, impulsionados pela luta abolicionista, destacaram a importância das histórias pessoais dos escravizados, reconhecendo que suas trajetórias individuais eram fundamentais, tanto como documentos históricos quanto como forças mobilizadoras. Esses testemunhos contribuíram diretamente para a construção de uma consciência antiescravista.

Quando nos voltamos para o genocídio judeu, fruto da Alemanha nazista de Hitler que levou o mundo à Segunda Guerra Mundial, dois nomes são fundamentais para lembrar o poder dos relatos pessoais: Anne Frank e Primo Levi. Seus

textos — diários e memórias — foram centrais na formação de uma consciência global sobre o horror do genocídio e as ideias perversas que o sustentaram. Mais do que isso, eles nos revelam o significado de escrever enquanto se enfrenta a possibilidade iminente do extermínio. Podemos também mencionar o genocídio em Ruanda, cujos testemunhos pessoais foram reunidos na obra *Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias*, de Philip Gourevitch, assim como a trilogia de Scholastique Mukasonga, que se destaca por preservar a memória ao mesmo tempo em que carrega a esperança de sobrevivência em meio à possibilidade do desaparecimento. No Brasil, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, é já um clássico incontornável sobre a vida nas periferias, além de um contraponto contundente ao discurso desenvolvimentista do regime militar.

Os textos deste livro são testemunhos únicos do que se passa em Gaza, narrados pelos próprios palestinos, mas também fazem parte de um fenômeno universal no qual histórias em primeira pessoa constituem um repertório humano que deve ser preservado, defendido e transmitido às gerações futuras.

As autoras e autores presentes neste volume, são escritores de ofício em Gaza. Romancistas, poetas, roteiristas. São artífices das palavras e, por essa razão, seus textos vão além do registro testemunhal, extrapolando os limites da descrição fria de eventos, estabelecendo-se também no campo da literatura.

Na Palestina, a literatura desempenha um papel crucial, pois, sendo aquele um território sob dominação de uma forma, ao mesmo tempo, típica e particular de colonialismo, é natural

que a memória, o conhecimento, as produções culturais e o patrimônio sejam alvos da destruição colonizadora.

Dominar um povo, expulsá-lo de suas terras, desenraizá-lo, exterminá-lo, significa também impedir que suas referências culturais — sua capacidade ficcional, memorial — sobrevivam e floresçam. Assim, a literatura e a arte constituem parte essencial da resistência anticolonial, aquilo que também conhecemos como a *sumud* palestina: a capacidade de enfrentar a opressão com dignidade e perseverança.

Essa longa tradição de resistência ecoa nas vozes de Mahmud Darwish, Ghassan Kanafani, Edward Said, e, mais recentemente, em poetas e escritores como Liana Badr, Aicha Odeh, Hiba Kamal Abu Nada, Refaat Alareer, Muhammad Taysir, Ahmad Assuq, entre outros. Com a publicação deste primeiro volume dos *Diários de Gaza*, catorze autores, até então inéditos no Brasil, se somam a essas referências. São eles que, através da palavra, mantêm viva a memória de um povo, transmitindo-a de geração em geração.

Este repertório também desempenha um papel fundamental para nós, que não vivemos no território palestino ou que não somos palestinos. O que ocorre em Gaza desde outubro de 2023, e o que ocorre no território palestino há pelo menos 76 anos, é a síntese de todas as crises: política, econômica, ambiental, social, racial, territorial, religiosa, ética e, a pior de todas, a crise de humanidade. Representa uma linha, uma fronteira que significará um ponto sem retorno.

Nós, que testemunhamos essa fronteira sendo ultrapassada, temos uma missão histórica. A missão de participar

ativamente da libertação dos palestinos, sim, mas, sobretudo, a missão de libertar a nós mesmos, de salvar a nós mesmos do monstro mais grotesco e terrível que assombra nossa espécie: a indiferença.

Esse é o ponto nodal. O genocídio palestino não é apenas uma tragédia distante, um evento a ser observado com passividade ou frieza. Ele é o espelho da nossa humanidade, ou da falta dela. A indiferença frente à violência brutal que se desenrola diante de nossos olhos é um reflexo da desintegração ética da sociedade contemporânea. Se permitirmos que a Palestina seja apagada do mapa e da memória, o que será de nós?

Os textos deste volume, intitulado *A memória é uma casa indestrutível*, estão inseridos na cronologia dos fatos e foram escritos nos primeiros três meses do genocídio em Gaza. Muitos descrevem os acontecimentos de 7 de outubro de 2023 e as primeiras horas de bombardeios massivos. São registros de deslocamento forçado, uma espécie de exílio na própria terra, que combinam descrições realistas com prosa poética, usando metáforas e imagens simbólicas poderosas.

Originalmente publicado em árabe sob o título *Kitabat khalf alkhutut — yaumiyyat alharb aala Ghaza* (Escrevendo atrás dos fronts: diários da guerra em Gaza), o projeto foi idealizado e organizado por Atef Abu Saif e Abd al-Salam Atari. A versão brasileira, traduzida do árabe por Rima Awada Zahra, é uma seleção dos textos originais, realizada em diálogo com os organizadores na Palestina, que oferece ao público brasileiro uma

perspectiva profunda e em primeira pessoa do horror do genocídio, assim como da força poética do povo palestino.

Este livro demonstra que a escrita em tempos de perigo não é apenas reativa — um grito diante da opressão —, mas propositiva. Os testemunhos nos mostram que, mesmo em meio à destruição, existe a possibilidade de construção, de imaginação e de futuro. Eles nos convidam a imaginar um mundo onde a humanidade possa se reconciliar com sua própria dignidade. A leitura de *Diários de Gaza* não deve ser passiva; deve inspirar ação, empatia e um compromisso inegociável com a justiça.

Rafael Domingos Oliveira
setembro de 2024

PREFÁCIO

A guerra terminará um dia e nós lembraremos continuamente de todas as histórias que vivemos enquanto construíamos nossa vida e nossa sobrevivência, apesar de Netanyahu e de seus generais. A guerra terminará e o soldado assassino contratado voltará para sua cama, obcecado por nosso sangue, e nós permaneceremos como uma maldição que o assombra, porque não caímos, mas ficamos de pé como árvores, cantando com os pássaros por nossa tão sonhada liberdade.

A guerra terminará, os invasores irão embora e nós voltaremos para recolher nossos sonhos da poeira dos edifícios e das franhas rasgadas dos travesseiros. Buscaremos os restos mortais dos corpos daqueles que amamos; replantaremos o jasmim na porta de casa e nos certificaremos de consertar o cano no teto do banheiro; trabalharemos para pendurar novamente os lustres nas varandas para iluminar o caminho dos passantes e contemplaremos o mar com o olhar de um amante cheio de saudade, contando as ondas uma e outra vez, relembando quantas ondas perdemos na guerra.

A guerra terminará e levaremos conosco o forno de barro como lembrança de nossa jornada — um retorno a um passado remoto — e os restos de um fogão que era a coisa mais preciosa que possuíamos e que usávamos diante da tenda para suportar a dureza da vida. Nos agarraremos a um pouco do

fogo que escapa da memória e cozinharemos a fome do futuro, enquanto olhamos com espanto para a crueldade dos assassinos; e tiraremos nossas fotos de um álbum que o monstro destruiu e remodelaremos o passado até que ele seja digno de toda essa memória.

A guerra terminará um dia e voltaremos para casa, atravessaremos o vale que testemunhou nossa partida, abraçaremos aqueles que deixamos para trás nos escombros das casas e no sopro da poeira que se levanta do crepitar do cimento em ruínas; e teremos o cuidado de carregar nossos sonhos em nossas malas depois de jogarmos fora as roupas velhas, grudadas no corpo de tanto que as usamos; e continuaremos procurando as canções de nossas avós nas soleiras das casas que desapareceram e onde só restaram pedras, que se remodelam sempre que olhamos profundamente para a memória da casa. A guerra terminará, os canhões vão se calar, os drones dormirão, os aviões aterrissarão, os soldados adormecerão no bojo do navio de guerra e nada restará no vale além de pedras.

Pessoas como nós, que viveram a guerra em Gaza, que acordavam e se davam conta de que estavam vivas, desenvolveram maneiras de sobreviver o resto do dia, contando histórias, narrando situações e contemplando paradoxos que indicavam fortemente que aquilo que vivíamos não era apenas uma nova experiência de vida ou mais um experimento.

A missão do escritor é escrever e contar sobre os outros, porque a convivência é a essência da ideia de vida e da ideia da continuidade da vida. A prática de escrever em tempos de perigo faz parte da luta pela vida. Não se trata de um *hobby*,

mas de um meio de não desaparecer. Portanto escrever não é um luxo, e sim outra expressão desse combate. Durante minhas diversas reuniões em Jabalia e na cidade de Gaza antes de sermos deslocados para o sul e, depois disso, em Khan Yunis e nas tendas em Rafah, fiquei surpreso com o fato de que muitos de meus colegas escreviam no telefone celular o que vivenciavam, enquanto outros redigiam no papel, quando havia. Além disso, alguns artistas visuais, apesar da destruição de seus estúdios e da perda de suas telas, tintas e ferramentas, expressavam a vida cotidiana por meio de desenhos e esboços que eram dignos de novas pinturas. O artista busca imortalizar a vida. A arte nada mais é do que uma expressão essencial da vida, não uma imitação ou simulação dela no sentido aristotélico.

Este não é um livro sobre Gaza, e sim sobre as pessoas, o lugar e a vida durante a guerra em Gaza, que ameaça sua existência e a nossa como palestinos. Os *Diários de Gaza* constituem um testemunho de vida, firmeza e sobrevivência; são textos humanamente honestos, escritos por um grupo de escritores, artistas e agentes do setor cultural de Gaza. Os colaboradores desta obra ainda estão vivendo a guerra; muitos perderam entes queridos e membros da família e foram forçados a se deslocar de um lugar para outro em busca da sobrevivência.

É uma escrita por trás dos *fronts*, da fronteira entre a vida e a morte e das linhas do inimigo que está sitiando Gaza por terra, mar e ar. São textos escritos em diferentes lugares, linguagens e jeitos por quem derrotou a guerra e derrotou a morte. O valor desses textos é que foram escritos *em* Gaza, e não *sobre* Gaza; concebidos enquanto o bombardeio e a destruição perseguiam

o escritor e a morte o agarrava pela gola da camisa, e não no conforto do lar.

Esta não é uma guerra comum. O ataque a pessoas, pedras e árvores no último ano não tem precedente na história das guerras. Trata-se da destruição intencional de um povo, de sua história, de seu patrimônio intelectual, cultural, humano.

Atef Abu Saif